

N. 18/2/89

Insuficiência de dados não permite conclusões

— afirma comissão de inquérito que continua a trabalhar no assunto

por Cassimo Ginabay, da AIM

A comissão de inquérito encarregue de apurar as causas do acidente do «Boeing-737» das Linhas Aéreas de Moçambique (LAM) em Lichinga revelou quarta-feira à AIM que «os dados obtidos não são ainda suficientes para a conclusão do inquérito». O «Boeing» sofreu um acidente aéreo às 11.49 horas locais (9.49 TUC) do dia nove de Fevereiro ao aterrar no aeroporto da capital provincial do Niassa, no noroeste de Moçambique.

A AIM teve acesso ao comunicado do relatório preliminar que indica que o comandante da aeronave aterrou sensivelmente ao meio da pista, tendo-se despedido para além do fim da mesma, vindo a imobilizar-se num barranco a uma distância de 120 metros.

O documento refere que na altura do acidente as condições atmosféricas seriam bastante adversas, caracterizadas por fortes ventos e chuva intensa reduzindo substancialmente a visibilidade e aderência da pista.

Dada a natureza da investigação, não foram facultados à AIM valores atmosféricos verificados na altura do incidente.

A comissão de inquérito faz notar que não se registaram perdas humanas nem ferimentos graves, apenas algumas escoriações verificadas no acto de evacuação dos passageiros. O documento acrescenta que todos os passageiros e tripulantes regressaram aos seus lares após observação médica.

As caixas negras do avião sinistrado deverão seguir brevemente para os Estados Unidos da América onde serão decodificadas por um organismo independente que trata de assuntos desta natureza, um processo que vai levar um mês até ficar concluído, disse o chefe da comissão de investigação, João Abreu. Existem duas caixas negras na aeronave, uma que regista todas as comunicações de e para o aparelho e entre os membros da tripulação e toma a designação de «Cockpit Voice Recorder» (CVR), e outra que regista os parâmetros do voo, nomeadamente a velocidade, altitude e rumo, designada por «Flight Data Recorder» (FDR).

A fonte da comissão de inquérito não especificou os danos provocados à aeronave limitando-se a dizer que os «estragos foram avultados». O «Boeing» acidentado, utilizado exclusivamente para o transporte de passageiros, era «o melhor avião» de que as LAM dispunham disse um outro membro da comissão de inquérito, o engenheiro Carlos Jorge.

Acrescentou que a aeronave sofreu «a maior inspecção estrutural feita nas LAM». Em meados de 1988 a inspecção demorou 15 semanas e envolveu a renovação da pintura da aereo-

nave, e inspecção minuciosa da estrutura do avião, tendo-se procedido a reforços da estrutura do aparelho.

A aeronave, depois da renovação, tinha já realizado 900 horas de voo antes do acidente em Lichinga. Aparentemente a máquina não apresentava nenhuma deficiência, comentou o comandante João Abreu.

A mesma fonte refutou alegações de que o avião sofreu o incidente devido à falta de combustível. Isso é mentira, disse ele para acrescentar que o avião tinha combustível suficiente para aeroportos alternativos como o de Nampula ou Pemba, ambos no norte de Moçambique.

Acrescentou que o avião foi adquirido em 1973 e era o mais moderno

na frota dos «Boeings» das LAM. O aparelho está segurado na «LOYDS» britânica.

A comissão não confirmou à AIM se a aeronave é ou não recuperável.

O comandante da aeronave era João Caravela, um piloto de linha com seis mil horas de voo, das quais mil como comandante daquela aeronave. O co-piloto, Cazimiro Amaral, possuidor da licença de piloto comercial sénior, detém uma experiência total de duas mil horas das quais 960 como co-piloto daquela aeronave.

A comissão de investigação que esteve no local do acidente, era composto por funcionários da Secretaria de Estado da Aeronáutica Civil, das

LAM, do organismo Internacional da Aviação Civil (ICAO), da meteorologia, da junta médica aeronáutica e da empresa Aeroportos de Moçambique.

Devido ao acidente de Lichinga, as LAM têm a sua frota «Boeing» para ligações interprovinciais e regionais reduzida a duas unidades. A linha aérea nacional perdeu outra aeronave, também um «Boeing-737» em Março de 1983, depois de uma aterragem acidentada na pista de Quelimane, norte do país.